

Dr. David Schreiner, Pondering the Spade, Sessão 2, Mari e a Epopéia de Gilgamesh, Duas Convergências Amplas

© 2024 David Schreiner e Ted Hildebrandt

Este é David B. Schreiner em seu ensinamento sobre Pondering the Spade. Esta é a sessão 2, Mari e a Epopéia de Gilgamesh, Duas Convergências Amplas.

Bem-vindo, esta é a nossa segunda palestra de quatro e deixei vocês com uma rápida discussão sobre William Deaver e sua ideia de convergência e como vamos usar essa ideia e desenvolvê-la e falar sobre convergências estreitas e convergências amplas à medida que avançamos meio que começo a discutir nesta palestra e na próxima palestra o ensinamento de William Deaver sobre Ponderando a Enchente.

Como é realmente esta intersecção, esta convergência entre a arqueologia e o Antigo Testamento? Nesta palestra, quero falar sobre algumas convergências amplas e espero que, ao final desta palestra, você entenda do que estou falando quando falo sobre uma convergência ampla. Novamente, não é necessariamente um ponto de contato direto, mas antes ilumina questões de visão de mundo e estrutura social; esclarece indiretamente o conteúdo da Bíblia. E então, quero falar de Mari, de um lugar específico, por motivos que vão ficar muito, muito claros, e depois quero falar também de um texto, a Epopéia de Gilgamesh.

E estes são dois resultados muito, muito importantes da pesquisa arqueológica e já existem há muito, muito tempo. Infelizmente, na memória recente, as coisas em Mari tiveram que ficar em segundo plano devido às questões do ISIS e à turbulência dentro do governo sírio. Mas tenho certeza de que, porque basicamente isso vem acontecendo desde o início do século 20, tenho certeza de que vai voltar em algum momento.

É muito, muito importante para simplesmente deixar ir. Então, estou confiante de que Mari vai se recuperar. Então, muitas vezes pergunto aos meus alunos, e faço isso apenas para animar a sala mais do que qualquer outra coisa, mas muitas vezes pergunto aos meus alunos, você sabe, qual é a natureza da arqueologia? E recebo uma série de respostas diferentes.

Terei pessoas que dirão coisas como, ah, para provar que a Bíblia é verdadeira. E farei com que algumas pessoas que são um pouco contrárias digam, ah, para refutar a Bíblia. Para encontrar algo valioso, procuramos algo que realmente seja valioso e que possamos vender a um museu.

Na maioria das vezes, essas pessoas foram influenciadas por filmes como Tesouro Nacional, Indiana Jones e Os Caçadores da Arca Perdida, e tudo bem. Mas muitas vezes termino esta conversa com uma discussão sobre o que realmente é a arqueologia. E é engraçado, é engraçado, eu me divirto com isso.

Acabei de ver o comportamento deles e seus rostos mudam completamente. Principalmente quando lhes digo que a arqueologia é realmente uma monotonia, pontuada, talvez, por uma descoberta significativa. Você fará a mesma coisa dia após dia, dia após dia.

E se você tiver sorte, encontrará algo que será muito, muito importante. Mas você não pode confiar nisso. Você vai olhar para muita sujeira.

Quero dizer, lembro-me de quando estava em Tel Rehov, cavando terra, colocando terra em baldes e baldes acorrentando a terra para fora do buraco. E nós rasparíamos o chão, sentaríamos lá e diríamos, ok, o que você acha? E nós daríamos uma olhada nisso, ok? E era sujeira! Sim, é sujeira, mas é sujeira significativa? Não sei! E então mudávamos e olhávamos para uma parede grande. E diríamos, ok, limpe aquela parede.

E literalmente pegávamos escovas para varrer a sujeira da sujeira. Mas é isso que você precisa fazer. E nós olhávamos para uma parede grande e pensávamos, ah, ok, olhe só.

Ooh, marca de cinzas, ok, tudo bem. Ooh, há um chão bem ali. E então, é muito olhar para a sujeira.

Você olha para a sujeira e tenta descobrir se ela é significativa. Contudo, a recompensa em grande parte só vem quando os arqueólogos se mantêm em seus escritórios. Anos depois do fato, eles começam a acumular todos os seus dados.

A arqueologia é basicamente a compilação de dados. Dados, dados, dados. Plote, registre, coloque no banco de dados e voltaremos a isso.

Isso é o que é arqueologia. No final do dia, quando todos terminam de cavar, eles voltam para seus escritórios e começam a juntar tudo.

Então, você tem que se dedicar. Você tem que ter sua mente voltada para os objetivos de longo prazo. O fim do jogo, se você preferir.

Se você for paciente. Se você for paciente o suficiente e conseguir levar isso até o fim, é provável que você obtenha alguns insights significativos. E se você tiver sorte, mudará a maneira como as pessoas encaram a antiga sociedade israelita.

Eles vão mudar a maneira como as pessoas leem a Bíblia e entendem as Escrituras. E aqui está um exemplo disso. E há um exemplo disso que não existe em nenhum lugar do Israel moderno hoje.

Está em um lugar chamado Síria. E esse é o antigo local de Mari. E Mari é um grande exemplo de como a paciência, ano após ano, escavando, mapeando os dados, registrando os dados e, eventualmente, publicando os dados, mudará a maneira como entendemos as coisas sobre as escrituras.

Então, é isso que quero abordar inicialmente nesta palestra. Quero dar uma olhada em um lugar chamado Mari, Antiga Mari.

E neste mapa aqui é onde Mari está essencialmente. Observe que fica dentro da fronteira com a Síria. Encontra-se num vale que liga antigas rotas comerciais.

Na verdade, existem pessoas que se especializam em traçar rotas comerciais antigas. E é muito, muito fascinante. Um cara chamado Dorsey publicou um livro bastante significativo naquela época.

Ele falou sobre os antigos sistemas rodoviários em Israel, por onde eles passavam e que vale eles tomavam, etc. Portanto, os antigos sistemas rodoviários são muito importantes porque é onde vivia o comércio. Então, a antiga Mari está em um vale que conecta.

Aqui fica a Mesopotâmia. Por aqui é onde fica o antigo Israel. Então, você pode ver a criticidade deste local.

Fica muito, muito perto do rio Eufrates. E há evidências que sugerem que este lugar estava realmente ligado ao rio Eufrates por canais artificiais. Então, características arquitetônicas, infraestrutura, etc. muito sofisticadas.

E é isso que alimenta a importância estratégica deste site. Tem uma história, a antiga Mari tem uma história de ocupação que pode ser resumida em um conto de três cidades. E essa primeira cidade data do início do terceiro milênio aC, 2.000 aC, algo assim.

Esta é uma cidade muito antiga que tem uma história de ocupação muito, muito longa e rica. A Cidade 1 foi seguida pela Cidade 2, que foi seguida pela Cidade 3. A Cidade 2 é provavelmente a mais bem documentada das três cidades. Foi provavelmente a mais sofisticada das três cidades.

Sabemos disso em grande parte pelo desenvolvimento do sistema do palácio central. Assim, as escavadeiras concentraram-se no sistema do palácio central. E eles podem identificar fases de desenvolvimento.

E uma fase de desenvolvimento muito, muito significativa e massiva está associada à Cidade 2. Portanto, a Cidade 2 está muito bem documentada. No entanto, provavelmente a cidade mais importante para a nossa discussão é a Cidade 3. A Cidade 3 é um cara chamado Zimri-Lim. Zimri-Lim era um governante amorreu, um rei amorreu da antiga Mari.

Ele foi um dos últimos reis amorreus da antiga Mari. Ele deixou um acervo textual bastante significativo, uma documentação textual de como a Mari conduzia seus negócios no dia a dia. A cidade 3 acabou sendo saqueada e totalmente queimada.

E Zimri-Lim está lá observando tudo acontecer e se desenrolar. Então, a correspondência entre Zimri-Lim é o que vamos focar. Por razões que ficarão claras em poucos minutos.

Então, acabou sendo saqueado por Hamurabi enquanto ele descia pela Mesopotâmia e finalmente encontrava a Babilônia. Então esse é o cara que eventualmente desfez tudo. Agora, qual é o legado de Mari? Novamente, o que acabei de falar foram alguns detalhes básicos sobre a cidade, o tempo de ocupação, cidade muito, muito antiga, o que é importante.

Então agora, quero entrar no que realmente é importante. Basicamente, vou fornecer os dados importantes, resumir e depois trazê-los de volta ao Antigo Testamento. Uma das primeiras coisas que temos que entender é o legado dos amorreus como uma cultura particular e como sociedades dimórficas.

Agora, isso pode parecer complicado, mas deixe-me esclarecer. Os amorreus são um grupo de pessoas distintas. Na verdade, existem amorreus discutidos no Antigo Testamento em certos locais.

Não com frequência, nem de longe com a mesma frequência que alguns cananeus, mas falamos sobre os amorreus no Antigo Testamento. Portanto, o Antigo Testamento está ciente desta cultura particular. São uma cultura muito difundida, uma cultura muito difícil de definir.

Mas eles estão lá, podemos identificá-los, podemos identificar quem é amorreu e quem não é por vários motivos, mas é muito, muito difícil. Eles eram um grupo diversificado de pessoas. Eles eram uma cultura diversificada, unificada, e podemos agradecer a Daniel Fleming por começar a articular e esclarecer muito disso, mas eles são unificados não por nenhuma nação, nem por qualquer local específico, mas por um modo de vida específico e um linguagem.

Então, eles se apegaram a um estilo específico de linguagem e a um modo de vida específico. E esse modo de vida é definido como um modo de vida pastoral móvel,

mais do que qualquer outra coisa. Esta não era uma cultura que tendia a se estabelecer e a se urbanizar.

Não, eles iam de um lugar para outro seguindo padrões de migração sazonal para os seus rebanhos, e faziam as coisas de forma diferente dos centros urbanos locais. Eles também foram percebidos negativamente. Houve alguns pontos positivos, mas também houve muitos negativos.

Então, quando lemos sobre a correspondência de Zimri Lim falando sobre, sinto muito, quando lemos certa documentação da Mesopotâmia que fala sobre os amorreus, algumas delas são positivas, mas também há muitas negativas. Mas também falam dessas pessoas definidas por um modo de vida específico. Agora, falando sobre onde os amorreus são ecoados no Antigo Testamento, o Antigo Testamento também os lembra como um governo vagamente definido nas regiões montanhosas centrais antes da Idade do Ferro.

Eles são um fenômeno da Idade do Bronze Final e da Idade do Bronze Médio associado às regiões montanhosas, que foi onde esse modo de vida pastoral móvel realmente se consolidou naquela região. E os israelitas na Bíblia parecem lembrar-se deles de forma negativa. Assim, por exemplo, Manassés é descrito negativamente em sua avaliação de reinado, e seus pecados estão na verdade alinhados com os dos amorreus antes dele.

Então, é muito negativo. Eu creio que é Manassés. Tenho quase certeza de que é Manassés.

Porque meio que surge do nada. Mas eles aparecem no Antigo Testamento. Há discussão sobre eles também em Deuteronômio, associada também ao paganismo cananeu.

Então, eles são lembrados negativamente. Mas, novamente, eles são lembrados por um modo de vida específico, são lembrados como um sistema político vagamente definido e são lembrados de forma negativa. Agora, a outra coisa que os textos de Mari falam é essa ideia de sociedade dimórfica.

O dimorfismo refere-se a elementos separados, mas identificáveis, dentro de uma sociedade que colaboram para o bem da sociedade. Agora, é certo que o dimorfismo é difícil de definir. Mas penso que podemos estar bastante confiantes na compreensão de que certas sociedades, particularmente no mundo antigo, eram compostas por diferentes esferas, por assim dizer, por diferentes elementos.

E muitas vezes havia pessoas naquela sociedade que ganhavam a vida e funcionavam diariamente como pastores de animais. E então Abraão fez isso, os patriarcas fizeram

isso. Eles seguiriam padrões de migração sazonal para cima e para baixo na Central Ridge Road, e é disso que estamos falando.

Os textos de Mari falam desses povos agropastoris em relação às pessoas que viviam nas cidades. E muitas vezes falam da tensão aí envolvida. Eles fizeram as coisas de maneira diferente.

Um grande exemplo disso é Ló, perto de Sodoma e Gomorra. Sodoma e Gomorra são cidades. São centros urbanos. Muito parece estar associado a este modo de vida agro -pastoril.

São sociedades dimórficas bem documentadas em Mari. E a importância disso abordaremos em um segundo. Mas, novamente, as implicações de Mari estão amplamente associadas ao legado dos amorreus e das sociedades dimórficas, e como as definimos ?

Também ilumina, e este é provavelmente o meu elemento favorito dos textos Mari porque até os textos Mari, fazíamos alguns jogos de sombras quando se tratava de definir os profetas. Quem eram eles? Como funcionavam como instituição social? Recebemos algum texto. Tínhamos algumas evidências de certos locais.

Mas com Mari as coisas começaram realmente a ficar esclarecidas. E podemos agradecer a alguns estudiosos, como Abraham Malamont , em particular, por realmente começarem a articular o perfil institucional do profeta que foi possível por causa dos textos Mari. Agora, o que a Mari faz, a Mari vai falar dos profetas.

Falará sobre profetas nessas tabuinhas cuneiformes. Eles falarão sobre profetas em vários termos. Eles usarão vários termos para falar sobre esse profeta.

E o que isso significa? Isso significa que a instituição profética não deve ser reduzida a um termo específico. Então, você pode ter ouvido alguém dizer, bem, você sabe, aquele cara, ele é chamado de navi , então, portanto, ele é um profeta. Mas esse cara aqui não é chamado de navi , então ele é apenas um vidente ou apenas um visionário.

Ele não é realmente um profeta. Isso é hui, isso é besteira. Isso não é correto porque o que Mari nos mostra é que diversos termos foram usados para falar de uma instituição social singular.

Criamos um perfil social baseado principalmente na função. Como essas pessoas funcionavam no contexto de suas sociedades? Mais do que como eles foram referenciados. A referência é importante.

Não estou dizendo que a referência não importa, mas estou dizendo que se tudo em que nos basearmos for como elas são referenciadas, então poderemos potencialmente ter problemas. Mas Mari nos mostra que vários termos poderiam ser usados para falar sobre profetas. Os textos Mari, ao falarem dos profetas, portanto, funcionam como uma ferramenta comparativa muito valiosa.

Eles nos mostram que os profetas de Mari e esses textos datam de 1750 aC, portanto, durante o período patriarcal, não durante o período dos reis e das monarquias unidas e divididas. Isso aconteceu centenas de anos antes, mas eles ainda nos mostram métodos semelhantes de profecia. Profecia indutiva versus profecia dedutiva.

Como eles estavam dando oráculos proféticos? Mari está nos mostrando que eles estão fazendo as coisas de maneira semelhante. Profecia intuitiva ao lado de profecia indutiva. A profecia intuitiva ocorre quando uma palavra chega a uma pessoa ungida pelo espírito divino.

Eles apenas recebem uma palavra. Talvez você já tenha ouvido isso. Tenho uma palavra para você que veio do Espírito Santo.

Essa é uma profecia intuitiva. A profecia indutiva usa algum tipo de linha de base, algum tipo de fenômeno observável, e então você vê algo, olha para algo e diz: ok, o que isso significa? Ok, o que diz a minha falta de um livro com termos melhores? Então, eles voltam aos cânones estabelecidos, aos critérios estabelecidos, e dizem, ok, se o corvo sobrevoar a sua casa a esta hora do dia, então provavelmente estamos lidando com algo ameaçador. Então é isso que era a profecia dedutiva.

Você vê coisas e observa algo, experimenta algo e então volta a um cânone aceito para entender o que isso significa. Então, temos isso no Antigo Testamento. Tivemos isso na Mari.

Mais uma vez, ajudando-nos a compreender esta instituição no contexto. Vemos também em Mari que a profecia está associada a tempos de crise. A profecia está associada a certas estruturas de poder.

Portanto, existem profetas centrais em Mari e profetas periféricos em Mari. Os profetas periféricos são aqueles profetas não associados às estruturas centrais de poder. Elias, Eliseu, Miquéias.

Estes são profetas que andam à margem da sociedade. Eles não estão associados. Eles não estão associados à monarquia central.

Mas então temos profetas como Natã. Temos profetas como Gade. Isaías provavelmente é mais um profeta central.

Ele tem acesso fácil ao Rei Ezequias e ao Rei Acaz. Ele provavelmente é mais um profeta central do que um profeta periférico. Então, temos isso no Antigo Testamento.

E a profecia associada a tempos de crise? Quero dizer, toda a Idade do Ferro foi um período enorme de transição e crise social, especialmente quando os Neo-Assírios e os Babilônios entraram em cena. Então, novamente, em Mari vemos profetas funcionando, realizando seus negócios da mesma maneira. Torna-se uma valiosa ferramenta comparativa para construir um perfil da instituição do profeta.

Vemos também em Mari que a profecia é entendida no contexto de algo maior. E cara, isso é emocionante. Isto nos mostra que os profetas israelitas, porque entendiam a sua palavra como parte de algo maior, a ideia da aliança, a história redentora, o relacionamento de Deus com Israel, a mesma coisa, coisas semelhantes estavam acontecendo em Mari.

Não era tão desenvolvido teologicamente. Mas há evidências que sugerem que os profetas de Mari compreenderam que a sua declaração teria impacto em algo maior do que aquela interação específica. Curiosamente, Mari fornece um belo corte transversal.

Novamente, datado de aproximadamente 1750 aC . Ok, essa é a época de Zimri-Lim. Isso nos dá um corte transversal valioso em um momento em que a Bíblia nos dá uma visão mais diacrônica.

Juntas, estas duas coisas realmente nos permitem falar com confiança sobre quem são os profetas, como conduzem os seus negócios e o que fazem na sociedade. Começamos a compreender que os profetas desempenharam um papel teológico e social. É muito difícil distinguir entre esses dois.

Sim, eles levaram a palavra de Deus ao povo, aos reis, aos sacerdotes, à população. E quando faziam isso, desempenhavam uma função social específica. Então, novamente, uma visão muito, muito valiosa quando se trata do texto de Mari e como ele nos ajuda a definir o perfil, o perfil institucional dos profetas.

Agora, voltando só alguns minutos, só alguns minutos com base no que eu disse, o que Mari tem a nos contar sobre a historicidade dos patriarcas? Mais uma vez, olhamos para o texto de Mari e vemos esta interação entre os agro -pastores e os habitantes urbanos. E mencionei brevemente que isso se parece muito com Ló. Isso se parece muito com Abraão, Isaque e Jacó.

Quero dizer, Abraão volta, ele tem uma interação com Melquisedeque, que está claramente associado a uma localização urbana perto dele, e eles estão tendo essa

interação. O que isso nos diz sobre a historicidade dos patriarcas? E a conversa sobre a historicidade das narrativas patriarcais é longa. E não quero necessariamente regurgitar esses detalhes.

Mas é algo que foi discutido nas décadas de 70 e 80, e foi um debate muito, muito acirrado. Mas o que é interessante sobre Mari é que ela nos mostra que as descrições sociais, as informações de fundo, o contexto em que viveram os patriarcas não são fantasia. É realidade.

É assim que essas sociedades funcionam. É assim que esses elementos das sociedades funcionam e interagem. Então, quando fala de Abraão tendo essas interações periódicas com pessoas da cidade, quando fala de Ló meio que interagindo com os centros urbanos, etc., quando fala dessas coisas, isso não é fantasia.

O texto bíblico recorre a uma memória bem documentada, a memória, a realidade dos patriarcas. Mari nos permite entender essas coisas com um pouco mais de detalhes. Prova a historicidade das narrativas patriarcais sem sombra de dúvida? Não, não faz isso.

Portanto, não se deve invocar o texto de Mari, que fala de sociedades dimórficas, o que nos ajuda a identificar e compreender estes tipos de sociedades. Não se deve aproveitar esses textos e usá-los apologeticamente como suporte para a historicidade das narrativas patriarcais. Você não pode fazer isso porque as evidências vão até certo ponto.

Só vai até ao ponto em que esta interação, este tipo de interação, este tipo de sociedade, era real. Quando você começa a usar essas evidências para tentar defender a historicidade histórica de Abraão, Isaque e Jacó, você está exagerando. Você está indo além das evidências.

Então, aceite o que as evidências lhe dão. Mas, novamente, acho que é importante. Acho que é importante porque ancora estas narrativas num quadro histórico real, e isso é importante.

Então essa é a Mari, e quero mudar de assunto aqui. Quero mudar de assunto aqui e falar sobre a Epopéia de Gilgamesh. Novamente, Mari é um local, e estamos preocupados com a Cidade 3. É um local específico que realmente ilumina o contexto social, a composição social dos profetas, das sociedades dimórficas, dos amorreus, etc.

Novamente, uma ampla convergência. Mas aqui quero falar sobre literatura. Quero falar sobre literatura, e é aqui que as coisas ficam realmente emocionantes.

Gosto do Épico de Gilgamesh. Aprendi a gostar dele e acho que é muito, muito fascinante por uma série de razões. Mas temos que começar porque é um texto; temos que começar com o resumo do enredo.

Ele começa contando a exploração. Gilgamesh – eu não deveria dizer que começa, mas a Epopéia de Gilgamesh é essencial. É mais do que isso; é muito filosófico em certo sentido. Mas trata-se principalmente de recontar as façanhas de um rei histórico de Uruk, e seu nome era Gilgamesh. Agora, inicialmente, Gilgamesh aparentemente tinha uma personalidade muito difícil.

As primeiras linhas do Épico de Gilgamesh falam sobre sua dureza para com seu povo, e ele simplesmente não era um líder agradável. E essa realidade fez com que as pessoas meio que, não sei, gritassem. Em imagens que me lembram o capítulo 1 do Êxodo, a população clama em resposta a um líder não benevolente num contexto opressivo.

É semelhante; não é exato, mas me lembra, quando você lê os versos iniciais de Gilgamesh, me lembra disso no capítulo 1 do Êxodo. E os deuses se reúnem, e ouvem os gritos do povo, e dizem, ok, essencialmente, temos que fazer algo sobre isso, e o que vamos fazer? Ok, vamos dar a ele um adversário. Vamos dar a ele alguém que o coloque em seu lugar, que o controle e que faça dele um governante mais benevolente. E vamos dar a ele Enkidu, e este é um homem selvagem.

Então, Gilgamesh é da cidade, ele é um rei, e em resposta a ele, as divindades vão dar uma montanha, se você quiser. E Enkidu, do jeito que ele é descrito, ele é simplesmente, quero dizer, é isso que ele é, ele é um homem da montanha. Ele é um homem selvagem e muito indomado, mas esse é o indivíduo que manterá Gilgamesh sob controle.

O problema é que quando Enkidu e Gilgamesh finalmente convergem um para o outro, eles brigam, lutam, e é uma luta muito, muito longa que surge e vai de um lugar para outro, mas no final das contas, Enkidu e Gilgamesh não eles se odeiam, mas preferem se tornar melhores amigos. Quero dizer, segue-se um bromance, essencialmente é isso. E então o plano das divindades saiu pela culatra.

Gilgamesh se torna o melhor amigo de Enkidu, e isso começa a alimentar o resto da narrativa. Uma das coisas que eles fazem é que a narrativa avança a partir de determinados momentos; mostra coisas e avança a narrativa. E então, depois que Enkidu e Gilgamesh se tornam amigos, essencialmente, eles ficam sentados e ficam entediados.

O que nós vamos fazer? Não sei. Poderíamos lutar um pouco mais. Oh não.

Feito isso o suficiente. Vamos subir e matar alguma coisa. Vamos subir e caçar.

E então, Gilgamesh e Enkidu decidem que irão até a floresta do Líbano e engajarão sua masculinidade, e irão caçar uma divindade de tipo mítico chamada Humbaba. E esta é uma divindade que governa as florestas, as periferias do reino terrestre. E uma das coisas que você precisa entender sobre as florestas na antiga literatura mesopotâmica é que elas costumam simbolizar as zonas de transição entre as coisas na terra e tudo além do reino terrestre, o sobrenatural, por assim dizer.

Então, a floresta é esse deserto, essa zona de transição onde vivem algumas coisas malucas e assustadoras. E uma daquelas coisas malucas e assustadoras que vivem na floresta de cedro do Líbano é esta coisa chamada Humbaba. E então, Enkidu e Gilgamesh decidem que vão subir e matar Humbaba.

Eles finalmente chegam lá depois de uma longa jornada. E é durante essa jornada que eles realmente pensam, você sabe, nós realmente queremos fazer isso? Mas eles chegam à conclusão de que realmente vão atrás desse cara. E eles realmente vão atrás desse cara.

E eventualmente, eles sobem para a floresta do Líbano. Eles matam Humbaba depois que Humbaba os insultou. Mas eles eventualmente o subjugarão e o levaram de volta.

Eles levam a prova da vitória para Uruk, onde vão comemorar. Eles vão fazer uma grande festa. E é durante essa festa que Ishtar começa a ter olhos arregalados para Gilgamesh.

Ela avança sobre Gilgamesh. E Gilgamesh a rejeita. E isso deixa Ishtar furioso.

E então, ela vai até o pai e diz, você sabe, Gilgamesh me rejeitou. Nunca fiquei tão envergonhado. Estou triste.

Faça alguma coisa, papai. Faça alguma coisa. E então, o pai dela, você sabe, é muito interessante como a interação entre as divindades é descrita neste texto.

É muito infantil e esse tipo de coisa, tem muito direito. Mas eventualmente, o touro cósmico é libertado. O touro cósmico deveria descer até Uruk e saquear tudo.

E isso é pagamento. Este é o pagamento a Gilgamesh por rejeitar Ishtar. Bem, infelizmente, Gilgamesh e Enkidu entram em ação novamente.

E eles derrotam o touro cósmico, o que deixa as pessoas ainda mais irritadas. Então você tem Gilgamesh, capacitado por Enkidu, que está começando a causar ainda mais problemas às divindades do panteão. Então, o que eles vão fazer? E aqui, neste ponto, há uma ruptura bastante acentuada.

Há uma quebra no texto que temos. E então, quando as coisas melhoram, há esta conferência, por assim dizer, esta conferência divina que está acontecendo, onde as divindades estão dizendo, ok, algo tem que acontecer. Temos que começar da estaca zero.

E isso significa tirar Enkidu da mesa. Enkidu é retirado da mesa e morto. E isso é muito, muito perturbador para Gilgamesh.

Porque este era seu melhor amigo, este era seu irmão. Eles tiveram um ótimo bromance onde fizeram tudo juntos, um relacionamento muito íntimo com esse cara, e ele imediatamente se apaixonou.

E assim, Gilgamesh começa a espiralar. Ele começa a perder o controle emocional e psicológico, e sua mente começa a divagar. E o que acontece é que ele está saindo e tentando entender tudo isso.

Ele vai dar um passeio, se você quiser. E ele vai perseguir essa ideia de imortalidade. A morte é tão trágica.

A morte é tão horrível. Eu não quero experimentar isso. E ele começa a buscar a imortalidade.

Esta busca, esta busca pela imortalidade irá levá-lo a um indivíduo chamado Utnapishtim. Porque, até onde Gilgamesh sabe, só existe um humano que já alcançou, só existe um humano que já alcançou a imortalidade. E então a lógica diria a ele que se há um humano que fez isso, eu preciso encontrar esse indivíduo, perguntar a ele como isso aconteceu, e essa é a chave do meu sucesso.

Então, ele busca a imortalidade em resposta à morte de Enkidu. Utnapishtim, e entraremos nessa foto aqui em apenas um segundo. Utnapishtim relata, finalmente Gilgamesh encontra o caminho para Utnapishtim.

Utnapishtim vive nas regiões fronteiriças, nas zonas de transição entre o reino terrestre e o reino celestial, porque ele é imortal. Isso faz sentido. Então, Gilgamesh, em uma jornada muito difícil, se encontra na companhia de Utnapishtim, e ele basicamente diz: como você fez isso, cara? Como você fez isso? Eu quero um pouco disso.

Segue-se uma conversa, e essa conversa assume a forma de uma história. Utnapishtim conta como garantiu a imortalidade, o que envolveu o dilúvio enviado pelos deuses.

Envolveu o barco que o salvou e membros da sua comunidade. Envolveu-o ficar sentado naquele barco por um longo período de tempo. Envolveu o recuo da inundação global, de modo que o barco acabaria por atingir o solo.

Ele sai do barco e, de repente, as divindades ficam iradas. Oh, meu Deus, a humanidade sobreviveu. Começamos esta inundação para matar a humanidade.

Queríamos a humanidade fora da mesa e ainda assim eles vivem. O que aconteceu? E então começa essa luta interna entre as divindades porque as divindades sabem que alguém derramou o feijão. Quem foi? E então Utnapishtim finalmente recebe a oferta da imortalidade.

E ele diz, ok, você nos pegou, você conseguiu, você é divino. Mas no processo de recontar essa história, que parece muito com a narrativa bíblica do dilúvio, mas no processo de recontar essa história, Utnapishtim olhará para Gilgamesh e dirá: foi um acordo único, amigo. Você não está entendendo isso.

Mas Gilgamesh não está satisfeito com isso. Ele continua empurrando, ele continua empurrando, ele continua empurrando. Ele desgasta Utnapishtim.

E Utnapishtim finalmente diz, ok, tudo bem, se você conseguir ficar acordado por uma semana seguida, tudo bem, se você conseguir ficar acordado por uma semana seguida, você terá. Ele não pode fazer isso. Ele está tão exausto com sua jornada.

Ele está tão exausto com tudo em sua vida. Ele não demora muito. E para provar seu ponto de vista, Utnapishtim mandou fazer um bolo.

Ele está tipo, aqui, você acorda. Você disse que não dormiu, mas aqui está porque preparamos toda essa comida e você adormeceu. Mas Gilgamesh ainda não está satisfeito.

Ele ainda continua empurrando, e ainda continua empurrando. E então, finalmente, Utnapishtim diz, ok, ok, ok. Se você conseguir descer até as águas primordiais do Apsu, há uma planta que cresce no fundo do lago.

Se você conseguir aquela planta, poderá trazê-la de volta. Esse é o seu ingresso. Você se tornará imortal se puder fazer isso. E Gilgamesh diz que aceito essa aposta.

Eu vou fazer isso. Então, ele amarra algumas pedras pesadas em si mesmo e vai até lá, afunda e pega a planta. E no caminho para casa com aquela planta que vai lhe dar a vida imortal, ele para para descansar.

E o que acontece, ele não vê, mas atrás dele vem uma cobra e leva embora a planta, come a planta. E aquela planta que daria vida eterna a Utnapishtim desapareceu. E é

nesse ponto que Gilgamesh, sinto muito, ele vai dar a vida eterna a Gilgamesh, acabou.

Nesse ponto, Gilgamesh finalmente percebe que a imortalidade não é para a humanidade. E ele decide voltar para casa com alguns amigos recém-encontrados e viver o resto de sua vida em Uruk . E há essa interação estranha onde, de repente, Gilgamesh desce ao mundo inferior e procura por Enkidu novamente.

E Enkidu diz a ele essencialmente, não siga esse caminho, não procure por isso. É interessante porque mostra que é realmente difícil entender onde essa cena se encaixa na história maior, mas fala da complexidade da narrativa e de como ela se desenvolveu. Mas, novamente, essencialmente, esta história é sobre a humanidade e sobre a humanidade manifestada na pessoa de Gilgamesh, enfrentando quem eles são, o que deveriam fazer, como deveriam viver e qual é o seu propósito na vida. qual é a relação deles com as divindades.

Portanto, é um conto épico que fala sobre algumas das grandes questões da vida. E então, a história da descoberta do Gilgamesh, temos que fazer uma pausa e falar sobre isso porque a história da descoberta do Gilgamesh é tão interessante quanto falar sobre o conteúdo do Gilgamesh. Voltaremos ao conteúdo, falaremos sobre as implicações de tudo isso, mas precisamos de alguns momentos para falar sobre como o épico de Gilgamesh foi encontrado.

O texto do épico de Gilgamesh, como foi encontrado? Agora temos que perceber que não foi encontrado de uma só vez, foi encontrado em etapas. E essas descobertas, por assim dizer, foram associadas às primeiras escavações da Mesopotâmia, da antiga Nínive, das antigas capitais assírias, etc. E assim, tudo começa com um cara chamado Austin Henry Layard.

E Austin Henry Layard era um cara que cresceu como diplomata e acabou se tornando um arqueólogo no atual Sri Lanka. Ele passou algum tempo no atual Sri Lanka. Mas ele finalmente inicia as escavações na antiga Nínive.

E esse cara, em meados do século 19, se você se lembra da nossa conversa na Aula 1, essa era a época da glorificada caça ao tesouro. Então esse cara está apenas cavando trincheiras, cavando buracos, ele está apenas procurando coisas enormes. E ele está colocando-o em caixotes, despachando-o rio abaixo e devolvendo-o ao Museu Britânico.

E então, ele está encontrando essas estátuas enormes, encontrando essas sobreposições de ouro que decoram palácios, e está simplesmente colocando tudo de volta em caixotes. Algumas das caixas estão afundando no rio e nunca mais serão encontradas. Mas é assim que esse cara está operando.

Mas no processo de busca por essas grandes descobertas, ele também é inteligente o suficiente para perceber que, ah, olhe para todos esses tablets. Há algum tipo de escrita neles. E é nessa época que o cuneiforme está sendo decifrado. Então Layard entende que há alguma importância potencial aqui.

Ele está colocando tudo em caixas e enviando tudo de volta para o Museu Britânico. Não para ser visto imediatamente, mas apenas para ficar em uma caixa no porão do Museu Britânico. Falaremos disso mais tarde, mas olhe para esta grande estátua.

Essencialmente, era disso que se tratava Austin Henry Layard. Mas foi ele quem encontrou os primeiros vestígios dessa história em algumas escavações. Layard eventualmente daria lugar a Hormuz Rasim, e esse é o cara que irá sucedê-lo, e será praticamente o mesmo tipo de coisa.

Rasim procurará grandes descobertas, novamente no processo de encontrar essas coisas, procurando salas do trono, procurando estátuas, procurando coroas de ouro, etc. serão enviados de volta ao Museu Britânico para serem examinados.

Tudo isso dará lugar a George Smith. George Smith, segundo todos os relatos, era um acadêmico de torre de marfim. Ele tinha a personalidade de um cobertor molhado, mas era um gênio.

Ele finalmente aprendeu sozinho acadiano, cuneiforme, e seus primeiros trabalhos ainda são citados hoje. Ele era um gênio. Mas ele acaba trabalhando no porão do Museu Britânico como reparador, que basicamente junta todas as tabuinhas quebradas.

E enquanto ele está juntando tudo isso, ele está lendo essas coisas à primeira vista. Porque ele é basicamente fluente em acadiano e cuneiforme neste momento, e ele está apenas olhando para eles, olhando para eles, ok, junte isso, o que diz? Ok, nada. Mas, no processo de fazer isso, ele se depara com a tabuinha e começa a lê-la. parece muito com a narrativa bíblica do dilúvio.

E então, ele lê mais um pouco, fica animado, e então começa a perceber o que tem. Ele encontrou o que é chamado de tabuinha 11, e essa é a história de Utnapishtim que contei há poucos minutos. Utnapishtim olhando para Gilgamesh, e esta é a história dele.

Ok, você quer saber como me tornei imortal? Esta é a história associada. Envolveu a enchente. Envolvia o barco.

Envolveu-me enganar as divindades. Todos esses tipos de coisas. Smith entende que isso se parece muito com a narrativa bíblica do dilúvio.

Então, ele começa a encontrar outros tabletes que falam sobre isso, e ele começa a montar a narrativa até o ponto em que eventualmente oferece uma apresentação para basicamente todos que quiserem ouvi-lo, até mesmo dignitários reais estão presentes nesta palestra. E ele expõe o relato mesopotâmico da narrativa do dilúvio. E ele basicamente diz, vejam, pessoal, temos um relato da Mesopotâmia que se parece muito com o relato bíblico.

O que vamos fazer com isso? Precisamos entender isso. Precisamos começar a observar a relação entre esses textos, etc. Ele se torna uma celebridade instantaneamente.

Ele se torna uma celebridade. E ele está marcado para então iniciar as outras escavações. Agora, Smith não quer fazer isso.

Smith quer ficar sentado no porão do Museu Britânico, olhando textos o dia todo. Ele não quer estar em campo. Mas George Smith tem algo que ninguém mais tem, que é a sua capacidade de olhar para um texto e decifrar o seu valor ou não, se vale alguma coisa ou se simplesmente não vale nada.

Ele pode fazer assim. E esse é o seu valor. Então ele começa a liderar algumas escavações, mais algumas escavações.

Ele começa a compilar e montar esse épico de Gilgamesh, peça por peça. E eventualmente George Smith morrerá tragicamente, e isso encerrará seu mandato, obviamente. Mas isso não impedirá a compilação do épico de Gilgamesh.

Honestamente, o épico de Gilgamesh continua até hoje. Ainda estamos encontrando fragmentos. Ainda estamos entendendo a história textual por trás desse épico, sobre o qual falaremos em um segundo.

Ainda estamos entendendo isso mais e mais a cada dia. Mas está associado a todas essas primeiras escavações na Mesopotâmia, começando com Laird, depois até Rassam e, finalmente, até George Smith. Então, vejamos algumas das implicações.

Vejamos algumas das implicações do épico de Gilgamesh. Em grande parte, a importância do épico de Gilgamesh é comparativa. O épico de Gilgamesh é uma poderosa ferramenta comparativa para compreendermos certos elementos do Antigo Testamento.

Não está aí para nos falar sobre uma visão exegética específica, sobre uma passagem ou algo parecido. Você poderia argumentar, potencialmente, a favor da narrativa bíblica do dilúvio, mas ela está lá em grande parte como um argumento comparativo. O épico de Gilgamesh apresenta uma longa história, uma longa e complicada história de desenvolvimento literário.

Sabemos, com base em todos os fragmentos textuais que temos, que esta história começou como contos individuais que em algum momento foram reunidos para formar uma narrativa unificada. E essa narrativa unificada também passou por etapas subsequentes de esclarecimento, edição, precisão, etc. Então, a Epopeia de Gilgamesh que temos é o resultado de um processo muito longo e complicado de desenvolvimento literário.

A razão pela qual isto é importante é porque nos mostra como os escribas trabalhavam e como as pessoas reuniam narrativas independentes sob uma narrativa unificada. Mostra-nos como as coisas foram editadas, como as coisas foram compiladas, como as coisas foram esclarecidas, etc. Dá-nos uma visão das convenções e tendências dos escribas, todas as quais impactam a maneira como entendemos o processo canônico do nosso Antigo Testamento.

O Antigo Testamento que temos, o Livro dos Reis, o Pentateuco, os livros históricos, não chegaram até nós assim. As evidências no Mar Morto, sejam as outras tradições de Jeremias, sejam as outras edições de Daniel, provam-nos que estes textos que temos na nossa Bíblia são o resultado de um desenvolvimento literário difícil de definir, mas evidente. O épico de Gilgamesh nos permite identificar e juntar as peças que informam essa conversa.

A conversa canônica, como nossa Bíblia ficou do jeito que é, nosso Antigo Testamento ficou do jeito que é, é complicada. É algo que exige que gastemos, observemos as coisas ao longo dos séculos, procuremos pistas e consideremos as convenções dos escribas. O épico de Gilgamesh nos fornece um modelo paralelo que nos mostra como essas coisas funcionavam.

Então essa é uma das principais importâncias disso. O épico de Gilgamesh também articula, de maneiras que a Bíblia não consegue, a antiga cosmovisão do Oriente Próximo. E quando entendemos a cosmovisão do antigo Oriente Próximo, como eles viam o Panteão, como eles viam os deuses, como eles entendiam a relação da humanidade com os deuses, quando começamos a entender como o ambiente mais amplo do antigo Oriente Próximo via essas coisas, começamos compreender o significado e a potência teológica da Bíblia.

A Bíblia entende o relacionamento da humanidade com o Deus Todo-Poderoso de maneiras notavelmente diferentes daquelas que são entendidas por textos como o épico de Gilgamesh. A compreensão da Bíblia sobre um dilúvio global é notavelmente diferente em muitos aspectos. É a mesma coisa. Existe uma estrutura básica que é notavelmente semelhante, mas quando você entra nos detalhes do relato bíblico, a maneira como Deus Todo-Poderoso está sempre no controle, Ele não diz muito, isso é notavelmente diferente das divindades no épico de Gilgamesh. que estão perdendo a cabeça.

O relato bíblico do dilúvio nos diz especificamente por que Deus escolheu fazer isso. O épico de Gilgamesh é notavelmente obscuro e quase parece racionalizá-lo através de razões infantis, se é que podemos chamar razões infantis de racionalização. Portanto, compreender a cosmovisão teológica desses textos antigos e do épico de Gilgamesh nos dá muito.

Como eles entendiam a busca da vida pela imortalidade, etc., a relação com o... Acabei de falar sobre tudo isso. Quando entendemos isso, entendemos ainda mais a potência teológica da teologia das Escrituras. Novamente, é uma ferramenta comparativa extremamente importante.

Lembre-se, Israel era uma cultura particular que funcionava numa época específica e tinha uma maneira particular de discutir e fazer as coisas. Se quisermos levar a sério a ideia de que Deus usou o antigo Israel como o principal mecanismo para comunicar a Sua revelação, temos de levar a sério textos como este, porque eles nos mostram como todos o faziam. E quando você entende como todos estavam fazendo isso, você entende o significado e as diferenças de Israel com ainda mais clareza.

Essa é uma implicação muito importante do épico de Gilgamesh. E é aí que nos deixarei. Neste ponto, em nossa próxima palestra, veremos algumas convergências estreitas e específicas.

Mas, novamente, Mari e Gilgamesh estão falando sobre iluminar as Escrituras, o material de base, o material social que é importante para as Escrituras, através de meios indiretos, através de amplas convergências.

Este é David B. Schreiner em seu ensinamento sobre Pondering the Spate. Esta é a sessão 2, Mari e a Epopéia de Gilgamesh, Duas Convergências Amplas.